

CLUBE DE CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA: AVALIAÇÃO DE UMA AÇÃO DE EXTENSÃO

Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti ¹
Edna Maria Alencar de Sá ²
Joyce Martins de Sá Santos ³

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de um projeto de extensão, intitulado “Clube de Conversação em Língua Inglesa”, realizado na UPE Campus Petrolina, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento da habilidade oral na referida língua, num ambiente de intensiva prática da fala em inglês, durante encontros semanais. Conta com a participação de alunos da UPE e de outras instituições de ensino, os quais têm a oportunidade de desenvolver práticas da língua em situações reais, contemplando os diferentes estilos de aprendizagem e necessidades dos alunos. Partindo desse ponto de vista, este estudo de campo, de natureza qualitativa, teve por objetivo analisar a eficácia desta ação e contou com o aporte teórico de autores como Leffa (2011), Almeida Filho (2015), dentre outros. Vale ressaltar que esse projeto conta com a participação de três alunos monitores do curso de Letras, oferecendo-lhes a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, assim como prepará-los para seu desenvolvimento profissional. Tivemos também a colaboração de dois falantes nativos norte-americanos, os quais participam como assistentes. Os resultados apontam para o sucesso do clube, visto que os sujeitos participantes, oriundos de diferentes instituições de ensino, comprovaram, por meio de rodas de conversa, um progresso no desenvolvimento da habilidade oral a partir das atividades desenvolvidas no referido clube. Ademais, os monitores revelaram aperfeiçoamento linguístico e fortalecimento da formação profissional. Nesse sentido, espera-se que o processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa seja enriquecido, tendo em vista a universalização e a demanda de seu uso nas esferas acadêmica e profissional.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Língua Inglesa. Extensão. Oralidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um projeto de extensão, em andamento, intitulado “Clube de Conversação em Língua Inglesa”, realizado no curso de Licenciatura em Letras / Português e Inglês da Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus Petrolina*, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento da habilidade oral na referida língua, em um ambiente de intensiva prática da fala em inglês, durante encontros semanais, desenvolvendo, simultaneamente, a sensibilidade auditiva para essa língua estrangeira. Mais especificamente, pretendemos ampliar

¹ Mestre em educação pelo Programa de Pós graduação da Universidade de Pernambuco – UPE Petrolina, membro do grupo de pesquisa GEPELCE, zairacavalcanti@hotmail.com;

² Mestre em educação pelo Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, membro do grupo de pesquisa GEPELCE, edna.alencar@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco – UPE Petrolina, joyce_jdb@hotmail.com.

os conhecimentos de estudantes e falantes da Língua Inglesa, potencializando sua competência linguística, além de viabilizar a aproximação da comunidade acadêmica.

Tendo em vista a universalização da língua inglesa e a demanda de seu uso nas esferas acadêmica e profissional, faz-se necessária a implantação e desenvolvimento de ações e propostas de ensino que estimulassem o aperfeiçoamento das competências linguísticas dos sujeitos envolvidos.

Espaços de prática que propiciem situações com oportunidades de interação entre outros falantes da língua inglesa, configuram-se como uma excelente chance de aperfeiçoar a linguagem oral e potencializar a competência linguística dos falantes de uma língua estrangeira. Partindo desse ponto de vista, o projeto em tela foi planejado e coordenado por professores do colegiado de Letras da UPE *Campus* Petrolina e tem sido desenvolvido por três alunos do referido curso. Conta com a participação de dois bolsistas Assistentes de Ensino em Língua Inglesa, ou English Teaching Assistants (ETAs), os quais são falantes nativos, cidadãos estadunidenses, recém-graduados com experiência em ambiente educacional, em ensino de sala de aula, selecionados pelo Programa CAPES-Fulbright de Assistente de Ensino de Língua Inglesa. Alunos da referida universidade e de outras instituições de ensino, como escolas públicas, têm a oportunidade de desenvolver práticas da língua em situações reais, contemplando os diferentes estilos de aprendizagem e necessidade de acesso efetivo à prática e aprendizagem da língua inglesa em termos de oralidade. Os encontros de conversação ocorrem três vezes por semana, sendo um encontro para nível iniciante e outros para nível intermediário tendo a duração de uma hora cada, tempo normalmente utilizado nos cursos de língua para a prática de conteúdos linguísticos adquiridos, destacando-se a habilidade oral e auditiva e, portanto, consolidando o conhecimento linguístico necessário para o efetivo uso da língua em questão.

Utilizando-se a abordagem comunicativa, são planejadas atividades lúdicas, tais como: jogos, dramatizações, diálogos, bate-papo, de maneira a incentivar a produção do conhecimento linguístico, bem como promover a interação discursiva entre os participantes.

Por meio do desenvolvimento do projeto, foram constatados resultados favoráveis, o que determina o sucesso da ação e impulsiona, a reflexão e o planejamento de novas investidas com o intuito de solidificar o ensino de LI, que perpassa a compreensão de fortalecimento do eixo da oralidade.

METODOLOGIA

Partindo desse ponto de vista, este estudo de campo, de natureza qualitativa, teve por objetivo analisar a eficácia do referido clube de conversação com o aporte teórico de autores como Leffa (2011), Almeida Filho (2015), Paiva (2010), dentre outros, que abordam, de maneira clara, o processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa, tal como aspectos importantes na formação do professor desta disciplina.

Para a coleta dos dados, foi desenvolvida uma roda de conversa com cada grupo (iniciante e intermediário), quando os participantes tiveram a oportunidade de relatar sua experiência no grupo, com respeito ao aperfeiçoamento da habilidade oral, assim como avaliaram a atividade do clube por meio de uma nota de 0 a 5. A análise dos dados foi feita de maneira qualitativa. Ressaltamos que os sujeitos, cujos depoimentos figurarão neste texto, foram nomeados de P (participante), ou M (monitor), seguido de uma numeração.

DESENVOLVIMENTO

1 O viés da oralidade

É sabido que a nova BNCC propõe que haja no processo ensino aprendizagem o desenvolvimento dos eixos oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural com o intuito de legitimar o ensino de Língua Inglesa (LI) a partir de um viés comunicativo, que desemboque na produção discursiva dos estudantes. Desse modo, vê-se a necessidade de voltar um olhar atencioso para a prática da oralidade no ensino aprendido de uma Língua estrangeira (LE), considerando que a literatura atual tem apontado fragilidades e deficiências no ensino deste idioma, especialmente, no que tange à habilidade oral. Afinal, falar uma LE é uma das formas mais expressivas de demonstração do que se aprendeu, proporcionando também a interação social efetiva entre indivíduos que buscam uma comunicação coerente, principalmente, considerando a Língua Inglesa como língua franca.

Conforme Leffa (2011), a aquisição de uma segunda língua não se dá apenas com um enfoque específico, entretanto a valorização do aspecto oral como forma plena de expressão é o resultado mais visível de que uma língua foi plenamente internalizada. Afinal, “na aprendizagem de uma língua, não só o sucesso, mas também o silêncio fala alto” (LEFFA,

2011, p. 17), visto que quando silenciemos em relação ao uso de uma LE, anunciamos que não aprendemos ainda o idioma e não temos a competência necessária para falar esta língua. Nesse sentido, a mudez de estudantes de LI revela o fracasso escolar relacionado a este conhecimento. A representação oral torna a língua viva por expor uma interação cotidiana. O autor também ressalta que o contato direto com nativos proporciona aos aprendizes uma favorável verbalização por meio de um ambiente no qual se terá um contato mais próximo com a cultura de um povo, além da própria língua.

Segundo Almeida Filho (2015, p.15), a competência comunicativa em termos de oralidade refere-se à forma como se coloca a língua em prática, fazendo com que o aprendiz sinta um propósito em aprendê-la.

Aprender uma língua nessa perspectiva é aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadora para ações subsequentes. Aprender LE assim é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se desestrangeiriza para quem a aprende.

Para esse mesmo autor, a habilidade da fala é necessária a fim de colocar o aprendiz na situação que ele julgar importante para o uso de uma língua estrangeira. Tendo o conhecimento desse idioma, e colocando-o em ação por meio da fala, as situações interativas são favorecidas, de modo que esse aprendiz desenvolva sua produção oral em LE, semelhante ao uso de sua língua materna e de forma cada vez mais natural.

2 O Processo Formativo do Professor de LI

O professor de Língua Inglesa tem galgado notoriedade e mais espaço junto à sociedade em que atua, acompanhando, assim, o movimento de valorização por que passa a língua que ensina. Entretanto, a literatura aponta que a caminhada histórica dessa profissionalização contribuiu para a desatenção e despreocupação no que se refere ao preparo desse profissional. À trajetória de nossos cursos de licenciatura, responsáveis pela formação dos professores, incorporavam-se algumas premissas contraditórias, que impregnavam as licenciaturas. A dicotomia bacharelado e licenciatura, a separação entre disciplinas de conteúdo e disciplinas pedagógicas e a desarticulação entre formação acadêmica e realidade prática de escolas e professores são alguns dilemas trazidos por Pereira (2000).

Apesar de modificações advindas de propostas estabelecidas pelas novas diretrizes para formação de professores (LDB nº 9.396/96), estabelecendo a necessidade de os cursos construírem suas próprias identidades e superarem as clássicas dicotomias teoria e prática, licenciatura e bacharelado, inspirados na abordagem de competências, é possível ainda perceber a insistente tendência a divisões no bojo dos ambientes acadêmicos.

No que concerne aos cursos de Letras, apesar de inovações elaboradas, aprovadas e recomendadas pelo MEC, mediante a definição das diretrizes gerais, o modelo de curso pautado em duas habilitações: Língua Portuguesa e uma Língua Estrangeira Moderna prevalece no contexto nacional. Esse perfil vem sendo seguido há, aproximadamente, cinco décadas pelas Instituições de Ensino Superior Brasileiras e, ainda, refletem a realidade da maioria dos atuais cursos de Letras do país.

Todavia, esse modelo tem sido alvo de ataques de estudiosos que observam o prejuízo que recai sobre o ensino de LE provocado pela proposta em formar tanto o professor de Língua materna como o de LE num mesmo curso, quando, para muitos estudiosos, as ideias são excludentes. Comumente, no bojo desses cursos, destacam-se disciplinas relacionadas ao conhecimento da Língua Portuguesa e suas literaturas e por serem vastas as ramificações que delas advêm, o período destinado ao curso não é suficiente para contemplar todas as nuances do ensino do português e, ainda, prover um tempo de qualidade ao ensino de LI.

Paiva (2010), por exemplo, assegura que a maior falha dos cursos de licenciatura em Língua Inglesa é que o programa está atrelado, na maioria das vezes, às licenciaturas em Língua Portuguesa e que essas ocupam a maior parte da grade curricular do aluno, revelando uma falta de preocupação dos programas em desenvolver a competência comunicativa do professor para outros idiomas e para sua futura profissão. Os espaços reservados em projetos e ações pedagógicas, bem como os conteúdos selecionados são insuficientes para uma boa formação do professor de inglês, atesta a autora.

Nesta perspectiva, um estudo recente (CAVALCANTI, 2017) aponta que o descaso com o ensino de inglês é tão notório que, em algumas regiões do país, professores formados em Língua Portuguesa assumem turmas de LI, mas o contrário não pode acontecer, o que nos reporta à uma das últimas seleções ocorridas em uma cidade de nossa região, Vale do São Francisco, na qual para a vaga oferecida ao professor de inglês o candidato poderia ter a formação apenas em Língua Portuguesa, sem habilitação na língua estrangeira. Uma outra discrepância no mesmo concurso refere-se à prova para pleitear a vaga de professor de inglês,

a qual não dispunha de uma única questão de LI. Todas as perguntas tinham como foco o ensino ou a gramática de Língua Portuguesa. Soma-se a isso a existência de profissionais não habilitados em cursos de licenciatura em Letras assumindo a disciplina de LI para complemento de sua carga horária, o que torna a situação caótica. Todavia, esse cenário não é privilégio de um contexto específico, haja vista os incontáveis municípios que direcionam a disciplina de LI para serem ministradas por professores de matemática, ciências, história entre outras, realidade consoante com a indiferença histórica de governantes abordada por Paiva (2010) quando se refere às incontáveis reduções de carga horária destinadas ao ensino de LE ao longo dos anos, bem como quando contesta a ausência perpetuada de políticas públicas que possam favorecer o ensino aprendizagem desse idioma.

No entanto, a formação descomprometida oferecida pelas universidades também tem corroborado com este cenário na medida em que não apresenta à sociedade um professor com o nível mínimo de proficiência na língua estrangeira em foco, confirmando a irrelevância atribuída ao seu ensino. Se aos próprios professores de inglês habilitados não lhes é conferida a proficiência necessária para o ensino da língua, se é possível ministrar a disciplina sem a mínima competência linguística oral, aspecto que, indiscutivelmente, o diferenciaria, o que impediria a um outro licenciado exercer o seu papel?

Embora na visão contemporânea da função docente o professor deva ser um indivíduo consciente de que ele não é o detentor do monopólio do saber, de que o conhecimento, por ser multifacetado, representa um permanente desafio e sua responsabilidade não se limite à transmissão de informações, à sua função atrelam-se certas incumbências, inclusive a responsabilidade de transmissão do conhecimento, aptidão apenas possível quando o indivíduo é conhecedor do seu objeto de ensino. Nesse entendimento, a docência constitui um dos âmbitos mais complexos do trabalho humano e para realizá-la com êxito, é mister que o professor possua, dentre outras aptidões, profundo conhecimento não só da disciplina que leciona como também da teoria do conhecimento e das ciências pedagógicas (VOLPI, 2001).

Em vista disso, é possível reconhecer a grandeza do desafio posto aos cursos de formação de professores de Línguas estrangeiras quando entendemos que há, no entanto, um preço a ser pago por essa prerrogativa, a qual, conforme Leffa (2001), é um longo e pesado investimento, que deve ser feito para formá-los dentro de um perfil satisfatório. Estudiosos contemporâneos acerca da formação são unânimes em afirmar a necessidade de dirigir o olhar aos cursos de formação e envidar esforços em busca de mudanças.

Sobre isso, Mazza (2011) enfatiza que, ainda, se observam nos cursos de Letras, principalmente no que tange à formação do professor de Inglês, uma formação linear, calcada em um aprendizado técnico, uma clara dicotomia entre a prática e a teoria e um ensino em que o conhecimento é desmembrado em partes compartilhadas e está muito longe da prática real de sala de aula, fato esse também apontado pelos sujeitos professores da pesquisa ao se queixarem de seus encontros de formação continuada.

Contribuindo com a temática, Gomes (1992, apud MAZZA, 2011) acrescenta que essa formação, cuja teoria não é relacionada à prática, provoca nos estudantes dos cursos de Letras uma tendência a buscar, nas aulas, receitas para a transmissão de informações e para a disciplina em sala de aula, apoiando-se em seus professores, que são vistos como modelos para a sua futura ação.

Todavia, as universidades de formação de professores parecem ignorar essa pertinente realidade que evoca seu complexo papel e confirma a responsabilidade que sobre ela recai. Claramente, reconhece-se, nesses ambientes de formação, a desconsideração e trágica ausência de conhecimentos consistentes da Linguística Aplicada tal como advertem Walesko e Procailo (2011) e motiva Almeida Filho (2015) a declarar que, para superar as dificuldades acumuladas nos cursos de Letras advindas da visão inadequada do ensino de línguas, é precípua e urgente a formação de novas gerações de pesquisadores e especialistas que sejam parceiros no esforço de produzir conhecimentos pertinentes de natureza aplicada para o desenvolvimento e a expansão do ensino de línguas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada uma pesquisa com 20 participantes do clube de conversação, sendo três deles alunos monitores, com faixa etária entre 18 a 25 anos, os quais expressaram por meio de roda de conversa as suas impressões acerca do projeto, suas avaliações, bem como sobre seus progressos. Com relação ao nível de conhecimento da LI, 08 participantes são do grupo de iniciantes e os outros 12 fazem parte do grupo de nível intermediário. A maioria não frequenta curso de inglês em escolas de idiomas. Vejamos, então, a percepção dos participantes acerca da temática em estudo:

- **A importância do Clube para o aperfeiçoamento da prática oral.**

Todos apontaram para a grande importância do projeto como laboratório para desenvolvimento e aperfeiçoamento da habilidade da fala em LE, tendo em vista universalidade da Língua inglesa a demanda de uso na atualidade. Isso corrobora com Paiva (2010) de que aprender inglês hoje é relevante quanto aprender uma profissão.

- **O progresso vivenciado na fluência da língua.**

Quando questionados se já conseguiam experimentar algum progresso relacionado à fluência na Língua em foco, em unanimidade, os participantes revelaram sua satisfação e alegria por conseguir comunicar-se e compreender, mesmo que não plenamente, ainda, no idioma, fato que trouxe para alguns certa surpresa, tendo em vista outras tentativas de aprendizagens em ambientes diversos, nos quais não foi possível desenvolver a habilidade oral e considerando a timidez pela falta de conhecimento. Isso nos reporta ao pensamento de Leffa (2011) quando aponta que, lamentavelmente, o fracasso no ensino do inglês está estampado na mudez irretorquível do aluno, apesar da presença da disciplina de Língua Inglesa nos currículos escolares, por, no mínimo, sete anos de estudo. Os excertos a seguir sinalizam esta realidade, assim como o progresso experimentado pelos sujeitos:

P 1- “Eu não conseguia falar nada em inglês. Vim de outra universidade de Letras e lá não havia este foco e preocupação com a oralidade. O clube me motiva a falar e já estou experimentando progresso, melhorando no aspecto da fala. ”

P 4- “Este clube veio mesmo para melhorar minha fluência e trabalhar na timidez. Somos aqui desafiados a falar em inglês e já estamos progredindo. Nós desenvolvemos a habilidade da fala de maneira tranquila, na interação com outras pessoas.”

P 2- (...) “Eu era muito tímida e não conseguia falar nada porque nunca fui desafiada a falar quando aprendia inglês. Era só escrever e ler. Aqui tô até impressionada com meu desenvolvimento. Muito bom mesmo.”

P3- “Tô sendo empurrada a falar inglês quase diariamente. Ficou muito mais fácil. Perdemos aos poucos a vergonha de falar em público.”

P5- “Tem sido muito construtivo para minha segurança, meu vocabulário e minha fluência na Língua Inglesa. Assuntos transversais, leves e cativantes nos permite acessar construções sintático-semânticas

nunca cogitadas, mobilizando saberes, simplesmente pelo anseio de querer dizer e participar...”

- **A relevância da presença de nativos na assistência aos alunos monitores.**

Em unânimidade, os participantes responderam positivamente, sinalizando que a experiência de ouvir nativos, que para a maioria deles é inédita, enriquece o aprendizado à medida que lhes dá a chance de aperfeiçoar a escuta e adquirir vocabulário de forma natural e interativa. Com relação a este ponto, Leffa (2011) também assegura que o contato direto com nativos proporciona aos aprendizes uma positiva verbalização que propicia um ambiente mais próximo com a cultura de um povo, além da própria língua. Aspectos que podemos conferir em alguns discursos dos sujeitos:

P 7 “ O clube representa um espaço de saltos na aprendizagem dentro da UPE Petrolina. O fato de haver nativos dando assistência nos encontros nos faz adentrar ao universo idiomático que faz a total diferença (...) ouvir a pronúncia correta aguça a audição e motiva a fala de quem quer praticar o inglês...”

P 9 “ A minha experiência com os falantes nativos tem sido muito interessante e proveitosa, além de ser meu primeiro contato com pessoas de outro país e outra cultura, de maneira direta. Tem ajudado bastante com a prática do inglês.

- **A avaliação do clube com notas de 0 a 5.**

Convidados a atribuir uma nota para avaliar o projeto do Clube de Conversação, 18 alunos atribuíram a nota 5 e apenas 02 deles pontuaram com 4, alegando que o único aspecto negativo que lhes impede de atribuir a maior nota refere-se ao fator tempo, visto que, segundo estes sujeitos, uma hora de prática oral de LI ainda é insuficiente. Desse modo, foi possível constatar que a ação extensionista tem sido favorável aos estudantes do referido idioma, já que todos demonstraram satisfação por frequentar este ambiente, inclusive por desejarem ampliar o tempo nesta experiência, tornando a possibilidade de falar inglês cada vez mais comum. Para Almeida Filho (2015), a habilidade da fala é imprescindível ao aprendiz no uso de uma língua estrangeira, já que conhecendo o idioma, e colocando-o em ação pela oralidade, em situações interativas, é possível desenvolver a produção oral, semelhante ao uso de sua língua materna e de forma cada vez mais natural.

- **A visão dos monitores acerca da experiência do clube na formação.**

M 1- “Infelizmente, não vemos muita coisa na área de inglês nos cursos de Letras, mas ano passado participei como estudante do clube e cresci bastante. Este ano, como monitora tenho a oportunidade de aplicar técnicas e dinâmicas que aprendi no projeto. Maravilhoso pra mim que desejo atuar como professora de inglês.”

M 2- Foi uma experiência muito produtiva! Enquanto participante e aluna de Letras, a conversação preencheu a falta da prática da Língua Inglesa na grade do curso. A prática oral muitas vezes não acontece (...) Foi também importante para a minha formação pela diversidade de atividades que pude desenvolver e irei adotar para as minhas futuras aulas.

M 3- “Eu também participei anteriormente do clube e achei muito bacana a ideia porque era uma opção para incentivar e fortalecer o aprendizado da Língua inglesa. Como nossa língua nativa é português e a gente já estabelece a comunicação em português, é essencial ter esse momento que a gente aprende a se expressar na outra língua, verbalizar mais. Então, tanto como monitora, que é algo que vai agregar à minha formação de como abordar a oralidade com meus futuros alunos, quanto como estudante da língua foi construtivo”

As falas acima revelam que as concepções dos monitores acerca do curso de Letras com habilitação dupla coadunam com as ideias de autores como Paiva (2010), Walesko e Procailo (2011), os quais asseguram haver uma falta de preocupação dos programas destes cursos em desenvolver a competência comunicativa do professor para a LE e para sua futura profissão. Assim, foi possível constatar a lacuna na formação do professor de inglês, o que pressupõe, uma formação, tendenciosamente, técnica com uma clara dicotomia entre a prática e a teoria (MAZZA, 2011).

Em contra partida, verifica-se, por meio da fala desses professores em formação, o benefício trazido pelo clube de conversação à sua futura prática pedagógica, haja vista o conhecimento linguístico adquirido com o desenvolvimento da fluência, tão necessário ao exercício da profissão de professor de LI.

Portanto, os depoimentos de participantes do projeto, em sua maioria, alunos do curso de Letras, evidenciam a urgente necessidade de formação de novas gerações de pesquisadores que envidem esforços na busca de produção de conhecimentos na área de Língua aplicada a fim de contribuir com o desenvolvimento e expansão do ensino de línguas (ALMEIDA FILHO,

2015) e, igualmente, desvelam a indispensabilidade de reflexão e desenvolvimento de práticas que favoreçam a formação do professor da Língua em pauta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo principal analisar a eficácia de um clube de conversação, desenvolvido como projeto de extensão, cujo intuito é proporcionar o aperfeiçoamento do conhecimento da Língua Inglesa, especificamente no que se refere à habilidade oral, como um ambiente de oportunidade intensiva de prática da fala em inglês.

Após a análise dos resultados, podemos dizer que os objetivos foram alcançados, visto que os sujeitos atestaram o êxito da ação. Foi possível perceber a satisfação e a aprovação de todos em relação a abordagem utilizada para o desenvolvimento das atividades. Os resultados apontaram também que o uso de um ensino contextualizado mostrou-se eficaz, visto que houve motivação e interação entre os participantes. A presença de falantes nativos enriqueceu a ação, oportunizando aos participantes o contato com outra cultura, além do desenvolvimento da audição e fala com a aproximação da Língua em questão.

Vale destacar que 100% dos sujeitos constataram um progresso considerável no idioma, na ampliação de vocabulário, conhecimento de novas expressões idiomáticas, ressaltando sempre a relevância das atividades interativas sugeridas pelos monitores e assistentes (ETAs) para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do discurso oral em LI.

A eficácia do projeto se caracteriza por atingir o maior déficit dos alunos, que é a ausência da prática oral do idioma. Partindo dessa premissa, podemos dizer que esta lacuna tem duas vertentes: a primeira é uma barreira que a maioria dos estudantes de EFL (English as a Foreign Language/inglês como Língua estrangeira) demonstra ao tentar falar, seja por timidez ou insegurança, ou por terem sido frutos de um ensino de idiomas tradicional e ineficiente. A segunda é uma questão cultural, pois a quantidade de brasileiros fluentes em inglês é consideravelmente baixa.

É fundamental, similarmente, considerar a deficiência existente na maioria dos programas dos cursos de Letras com dupla habilitação, os quais, em geral, privilegiam estudos da Língua materna, em detrimento da LE, fato comprovado nos dados deste estudo. Logo, um Clube de conversação constitui-se numa oportunidade de prática e aprimoramento da habilidade

oral e auditiva, sendo imprescindível que os programas de formação atentem para a primordialidade da criação de ações e espaços que atendam a essas carências.

Nesse sentido, esperamos que o processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa seja enriquecido com o uso de uma abordagem comunicativa, pelo viés da oralidade, e que a comunidade seja beneficiada no aprendizado da Língua inglesa, tendo em vista a universalização e a demanda de seu uso nas esferas acadêmica e profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2015.

CAVALCANTI, Zaira D. de M. **A competência Linguística e seus Reflexos na Prática Pedagógica dos Professores de Língua Inglesa de dez Escolas Públicas**. Anais do Congresso Clisertão, Petrolina, 2018.

LEFFA, V.J. **Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola pública**. In: LIMA, D.C de. **Inglês em escolas públicas não funciona?** Campinas, SP: Pontes, 2011.

_____. **O Ensino de Línguas Estrangeiras no Contexto Nacional**. Contexturas, n.4. São Paulo: Apliesp, 2001. p.13-24.

MAZZA, Fernanda T. **A Formação e a Identidade do Professor de Língua Inglesa**. v.16, ano 35, n. 2, 2011. p. 185-198. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/viewFile/14830/8389>>. Acesso em 30 jun. 2017.

PAIVA, Vera Lúcia M. de O.(Org.). **Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PEREIRA, Julio. E. D. **Formação de professores: Pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VOLPI, Marina T. **A formação de professores de língua estrangeira frente aos novos enfoques de sua função docente**. In: LEFFA, Vilson J. **O Professor de Línguas: construindo a profissão**. Pelotas: EDUCAT, 2001.

WALESKO, A; PROCAILO, L. **Espaços para a formação continuada de professores de língua inglesa**. In: **Formação “Desformatada” Práticas com professores de Língua Inglesa**. Campinas: Pontes, 2011.